

ASPECTOS DO PVB DO NORTE DO BRASIL NO ROMANCE

KARARAO, DE WALTER FREITAS

ASPECTOS DEL PVB DEL NORTE DE BRASIL EN LA NOVELA

KARARAO, DE WALTER FREITAS

Wenceslau Otero Alonso Júnior¹

Resumo: Descrição de aspectos fonéticos, lexicais e morfológicos do Português Vernacular Brasileiro tal como é expresso no Nordeste da Região Norte do país, com base na fala dos habitantes da Vila de Nazaré do Fugido, pertencente ao município de Magalhães Barata, a partir de seu registro no romance *Kararaô*, escrito por Walter Freitas que, para apresentá-la, em seu aspecto fonológico, criou um código especial capaz de fornecer uma noção bastante clara de como se pronunciam as palavras na região referida.

Palavras-chave: PVB do Norte do Brasil. Léxico. Morfologia. Fonética.

Resumen: Descripción de los aspectos fonéticos, léxicos y morfológicos del portugués brasileño vernáculo como se expresa en el Nordeste de la Región Norte, basada en el habla de los habitantes de la Villa Nazaré do Fugido, que pertenece a la ciudad de Magalhães Barata, desde su inscripción en la novela *Kararaô*, escrita por Walter Freitas que, durante presentarla, en su aspecto fonológico, creó un código especial capaz de proporcionar una idea muy clara de cómo es la pronuncia de las palabras en esa región.

Palabras clave: PVB del Norte de Brasil. Lexicon. Morfologia. Fonologia.

1. DELIMITANDO O TEMA

Os traços da linguagem do norte do Brasil que aqui serão descritos e comentados, pertencem, mas não exclusivamente, à mesorregião do Nordeste do Estado do Pará, que está dividido hoje em seis mesorregiões (ver mapa 1). A mesorregião do Nordeste paraense divide-se ainda em cinco microrregiões, a saber: Bragantina (13 municípios), Cametá (7 municípios), Salgado (11 municípios), Guamá (13 municípios) e Tomé-Açu (5 municípios). Os municípios das microrregiões podem ser visualizados no mapa 2.

A microrregião do Salgado é composta pelos municípios de Colares, Curuçá, Magalhães Barata, Maracanã, Marapanim, Salinópolis, São Caetano de Odivelas, São João da

¹ Professor Titular do Curso de Letras da Universidade do Estado do Pará (UEPA) e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo. E-mail: w.alonso.jr@hotmail.com

Ponta, São João de Pirabas, Terra Alta e Vigia de Nazaré. A localização e configuração da microrregião do Salgado pode ser vista no mapa 3.

Pelos mapas 1 e 3 pode-se perceber o quanto a microrregião do Salgado está mais diretamente ligada à mesorregião Metropolitana do que as outras mesorregiões. Isso define, em grande parte, o fato de que, ainda hoje, quando algum falante metropolitano quer imitar a fala do paraense da zona rural, ele recorre basicamente ao registro dos falantes da mesorregião do Nordeste do Pará. No caso do romancista Walter Freitas, em sua obra *Kararaô*, esse registro de fala é mais especificamente o da Vila de Nazaré do Fugido, onde se passa a ação da narrativa, que pertence ao município de Magalhães Barata.

A fala da parte sul e sudeste do Estado do Pará, onde predomina a influência da região central e do nordeste do Brasil, é muito diferente da fala da mesorregião do nordeste do Pará, por isso, quando o romancista Walter Freitas diz que o romance *Kararaô* é uma “Criação literária realizada a partir dos falares amazônicos registrados notadamente no Pará,(...)” (2011: p. s/n), ele não pode estar se referindo a todas as mesorregiões. No máximo, ele terá também utilizado aspectos das falas das mesorregiões do Marajó e do Baixo Amazonas, ou de algum município limítrofe dessas regiões, muito semelhantes aos da microrregião do Salgado. Manteremos a referência a Nazaré do Fugido como fonte de registro típico do falar paraense por ser o local da ação da narrativa, e por ser esse registro um retrato fiel do registro das outras mesoregiões já mencionadas, o que comprovaremos quando o confrontarmos com a coleta dos fonemas do falar paraense feita pela professora Nazaré Vieira em municípios de outras mesorregiões que não a do Nordeste do Pará.

Nesse estudo, vamos nos interessar especificamente por uma parte muito pequena da fonética, do léxico e da morfologia - importante esclarecer desde já para que se evitem expectativas maiores – sendo, portanto, um breve levantamento da fala peculiar específica dessa microrregião do nordeste do Pará, e, por extensão, de outras linguisticamente assemelhadas, com os dados oferecidos exclusivamente pelo romance, dados que, em alguns momentos, serão relacionados a estudos acadêmicos da fonética e do léxico para estruturar a análise.

Esse registro já está, com certeza, superado em alguns aspectos, por eliminação de certas palavras, expressões e pronúncias, decorrentes da dinâmica mesma da língua oral, que é um *continuum* inexorável, mas isso não invalida seu estudo, pelo contrário, até o justifica porque permite comprová-lo, o que é impossível fazer se pelo menos dois recortes temporais não forem contrapostos, entretanto um registro atual e a comparação posterior com o outro antecedente não é objetivo desse trabalho, que foi planejado, repitamos, para demonstrar

alguns traços do PVB da fala paraense em um período que remonta aproximadamente aos primeiros trinta anos da segunda metade do século XX, quando o romancista Walter Freitas por ter pertencido à geração que nela nasceu, certamente dele se apropriou, traços que ainda podem ser localizados entre grupos mais isolados das mesorregiões do Pará, dentre as quais destacamos a do Nordeste, e nela a microrregião do Salgado, que abriga o município de Nazaré do Fugido, repitamos, por ser ele o espaço físico e cultural do romance *Kararaô*.

2. UM POUCO DE HISTÓRIA

Segundo informes recolhidos on-line em páginas do IBGE:

As terras do atual Município de Magalhães Barata, situado na zona fisiográfica do Salgado, pertenceram em tempos passados ao Município de Marapanim. Quanto aos seus fundamentos históricos, são desconhecidos. Sabe-se, porém, que em 1936 já figurava como distrito judiciário daquele município, com o nome de Cuinarana. (...) Em 1961, Cuinarana foi elevada à categoria de município com a denominação de Magalhães Barata, em homenagem ao líder paraense, do período republicano, Joaquim Cardoso de Magalhães Barata. (IBGE, 2012)

O IBGE ainda registra que o começo efetivo da catequese dos índios pelos padres jesuítas, em Marapanim, município a que antes esteve agregado o município de Magalhães Barata, intensificando a presença dos portugueses na área, deu-se em 1775 e que tanto lá quanto em Vigia de Nazaré, - que é o município mais antigo da microrregião do Salgado, fundado a 06 de janeiro de 1616, seis dias antes da fundação de Belém, - os habitantes nativos pertenciam à grande nação Tupinambá, cujas aldeias, de etnias variadas, foram completamente dizimadas ao longo dos séculos XVII e XVIII e XIX.

Isso se confirma em um estudo do Instituto Chico Mendes e do Ministério do Meio Ambiente, publicado em 2014, no qual se registra:

Embora a região de Magalhães Barata tenha sido área de ocupação de populações indígenas estas já não existem na área, assim como não há território quilombola ou solicitação para criação destes. Não foram encontrados, em pesquisa de dados secundários documentos ou solicitações de representações indígenas ou quilombolas para esta região. (2014, p.53)

Como se lê, nem índios, nem negros, como presença marcante, existem hoje em Magalhães Barata e, por extensão, na Vila de Nazaré do Fugido pertencente à sua jurisdição, e embora os traços linguísticos da microrregião do Salgado sejam basicamente de procedência lusitana, mesmo pequena, a presença do substrato indígena está presente, sobretudo, no léxico relativo aos toponímicos, denominações de plantas, animais, preparados e ingredientes de culinária, enquanto o adstrato africano, ainda menor, revela sua presença basicamente nas denominações relacionadas a certos aspectos de práticas religiosas ou musicais procedentes da

cultura africana, mas nem isso se verifica nos registros de fala do romance *Kararaô*, cujo contingente de personagens pretos é secundário e mínimo, atuando como participantes da festividade da folia de Reis e marginalmente dos eventos que culminam com a decadência da cidade.

Vale enfatizar, sem considerar o fato como causa central do predomínio linguístico lusitano na fala dessa microrregião do Norte do país, que a presença do indígena vai minguando ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX, sobretudo por conta do extermínio genocida perpetrado pelos portugueses, e a presença de pessoas de cor preta vai entrar em declínio a partir da Independência, como afirma Vicente Sales (1971), por motivos variados, entre os quais o avanço das ideias abolicionistas.

Costuma-se falar muito do *Carimbó* como ritmo e dança típicos do Salgado, surgida em Marapanim, para afirmar a tese da força cultural africana na mesorregião do Nordeste paraense. É importante tratar desse fato aqui, mesmo que o nosso assunto seja a Literatura e a Linguagem, porque ele revela um detalhe cultural em que a mescla dos elementos africano e indígena permite a alguns estudiosos como Salles (1971), dar visibilidade ao traço africano, independentemente do fator numérico, como se lê nesse excerto em que analisa os dados referentes à população negra do Norte do Brasil, recolhidos no recenseamento nacional feito pelo IBGE em 1950: “No município de Marapanim, onde aparece a menor taxa, ou seja, apenas 0,5%, e a população negra se reduz a 83 indivíduos, há um folclore com manifesta influência africana. A dança mais popular em Marapanim é o *carimbó*.” (1971, pp.78-79)

Uma leitura da informação contida em site oficial do governo do estado Pará sobre o *Carimbó* revelará melhor os aspectos dessa mescla e ajudará a reler a tese de Salles (1971) sobre a importância da presença da cultura africana no Pará que, pelo menos na Microrregião do Salgado, necessita ser matizada para um melhor dimensionamento do fenômeno, nem que seja em âmbito puramente linguístico, conformando-o melhor ao registro dela feito pelo romancista Walter Freitas na obra *Kararaô*.

A mais extraordinária manifestação de criatividade artística do povo paraense foi criada pelos índios Tupinambá que, segundo os historiadores, eram dotados de um senso artístico invulgar, chegando a ser considerados, nas tribos, como verdadeiros semi-deuses. Inicialmente, segundo tudo indica, a “Dança do Carimbó” era apresentada num andamento monótono, como acontece com a grande maioria das danças indígenas. Quando os escravos africanos tomaram contato com essa manifestação artística dos Tupinambá começaram a aperfeiçoar a dança, iniciando pelo andamento que, de monótono, passou a vibrar como uma espécie de variante do batuque africano. Por isso contagiava até mesmo os colonizadores portugueses que, pelo interesse de conseguir mão-de-obra para os mais diversos trabalhos, não somente estimulavam essas manifestações, como também, excepcionalmente, faziam questão de participar, acrescentando traços da expressão corporal característica das danças portuguesas. Não é à toa que a “Dança do Carimbó” apresenta, em certas passagens, alguns movimentos das danças folclóricas lusitanas, como os dedos castanholando na marcação certa do ritmo agitado e absorvente.

(...)

A denominação da "Dança do Carimbó" vem do título dado pelos indígenas aos dois tambores de dimensões diferentes que servem para o acompanhamento básico do ritmo.

(...)

Na língua indígena "Carimbó" - Curi (Pau) e Mbó (Oco ou furado), significa pau que produz som. Em alguns lugares do interior do Pará continua o título original de "Dança do Curimbó". Mais recentemente, entretanto, a dança ficou nacionalmente conhecida como "Dança do Carimbó", sem qualquer possibilidade de transformação. (PRODEPA, 2006)

Vamos agora ler um trecho mais extenso de Salles (1971), relacionado ao assunto, que nos propiciará uma reflexão capaz de lançar luz mais clara sobre a tese da preponderância das fontes lusitanas do PVB do Salgado.

Todavia não terá sido nem pelo fator étnico, que de forma alguma conduz a dinâmica cultural, nem tampouco pela densidade da população que o negro haveria ou não de influir culturalmente. (...) Mas é bom lembrar que para haver difusão cultural, basta que o que se transmite à comunidade mereça a aceitação coletiva e que qualquer amostragem de dados etnográficos e folclóricos comprová-lo que o negro contribuiu, em larga escala, para dar mais amplo embasamento à cultura regional. Uma prova disso é a lúdica amazônica, essencialmente negra. (...) Veríssimo, num trabalho publicado em 1886, estudou as populações indígenas e mestiças da Amazônia, encontrando algumas poucas palavras africanas no seu vocabulário. Com ele vingava a tese do quase desaparecimento do negro nas águas da mestiçagem. Como Veríssimo não pode levantar um extenso vocabulário regional, certamente porque não perdeu tempo em pesquisá-lo, o método escolhido, o linguístico, inspirado talvez nas teorias de Max Müller, levou-o a resultados errôneos. (SALLES, pp. 67-68)

Ele nos interessa porque fala de uma pesquisa sobre a linguagem realizada no século XIX, entretanto para fundamentar discordâncias sobre algumas de suas afirmativas convém examiná-lo mais detidamente.

Em primeiro lugar, eles lançam uma suspeita contra a conclusão de José Veríssimo sem a contraprova de que sua afirmação, considerada no estrito âmbito da linguagem, é falsa. Em segundo lugar, ao admitir que a definição do alcance de uma influência cultural não se mede pelo número dos que a difundiram, e apontar em que aspectos a cultura negra deixou sólidas marcas, o texto de Salles, citando o carimbo, não se refere à linguagem, mas a outras formas de presença cultural.

O texto de Salles, entretanto, pode ser acatado na perspectiva de o entendermos não só como uma advertência para não tornar absoluta a relação entre número de agentes culturais e alcance de sua influência, mas também como uma crítica negativa a se considerar unicamente o fator linguístico como prova da pequena presença da cultura negra no amálgama cultural paraense, que foi, no caso, o erro de Veríssimo.

Não estamos aqui incorrendo no mesmo erro. Se damos razão às conclusões de Veríssimo, no âmbito exclusivo das pesquisas linguísticas, quando dimensiona a contribuição linguística do adstrato africano à fala paraense, em seu estudo de 1886, é porque elas coincidem com o que se encontra linguisticamente registrado da fala da microrregião do Salgado no romance *Kararaô*, de Walter Freitas, e isso vale também, em extensão muito menor, para o substrato indígena. Além disso, se a quantidade de falantes de uma língua externa (africana), ou interna (indígena) e o tempo de permanência de seus falantes na região em que ela é falada não é determinante para avaliar a extensão de sua influência, não é também, nem de longe, um dado cientificamente desprezível para explicar sua discreta presença nos registros da fala do Salgado no século XX.

Infelizmente não podemos avaliar também a cadência musical da fala do nortista da região do Salgado, que é peculiaríssima, para saber a que influência, se negra, se lusitana, se indígena, ela está mais fortemente ligada, ou como as combina para produzir a unidade que é. Para tanto seria necessário o concurso de outros profissionais, além daqueles da área de Letras, como os profissionais da Música, e registros linguísticos dessas três variantes culturais que, se bem escolhidos os registros, talvez nos dessem uma ideia pelo menos aproximada de sua fonte predominante. Vamos ficar, pois, com o léxico, a morfologia e a fonética, o que não é pouco.

3. JUSTIFICANDO A ABORDAGEM

Vejamos antes de avançar, um pequeno registro de uso do léxico indígena no romance: “...ös cor’pos de quatis, tejus, cotias, antas, capivaras, jacarés, onças-pintadas, pretas, peixes-bois, tatus, pirarucus, jiboias, sursoris, surucucus...” (2011, p.383)

O registro africano mais abundante é o das formas pronominais *vancê*, *vasuncê*, que de resto é comum em todo o Brasil onde houve forte presença africana. Em *Kararaô*, a língua tem forte base lusitana e até mesmo a religiosidade é de procedência europeia. Por exemplo, diversas Nossas Senhoras são regularmente citadas e a Igreja Matriz é a referência mais marcante dos atos da Vila de Nazaré do Fugido. A única menção religiosa associável à cultura africana, recorrente na obra, é a do Santo Preto, São Benedito, que ainda assim é um produto sincrético. A festividade religiosa reiteradamente referida está associada à Folia de Reis, cuja tradição procede da Ibéria, sendo, portanto uma festa católica. A presença de participantes pretos nos festejos, registrada na obra, não altera o quadro.

Em reforço à tese da preponderância linguística lusitana na área do Salgado, é importante dizer que quando conversamos com nativos nascidos de 1970 para trás, nos

deparamos com palavras e expressões que julgamos serem criações regionais, quando na verdade derivam de uma antiga tradição do uso europeu da Língua Portuguesa, como é o caso, por exemplo, da sentença: “como diz o outro”, registrada pelo romancista português Camilo Castelo Branco, em 1861, no romance *Amor de Perdição*, e que é tão comum, ainda agora, em nosso PVB, no exato sentido em que os portugueses do século XIX, e talvez antes, a utilizavam: “Se quer que eu vá também, estou às suas ordens e a clavina que deu polícia ao almocreve ainda ali está, e dá fogo debaixo de água, *como diz o outro*.” (1971, p.83, grifo meu).

Talvez cause estranheza o uso de uma obra de ficção como fonte de registro da fala da área do Salgado, referente àqueles anos que precedem o ingresso maciço do rádio e da televisão na região, seguido depois da internet, como o romance *Karraô*, ou como suporte, como é o caso da obra de Camilo Castelo Branco, para estabelecer comparações dessa fala com a de outras regiões em nosso trabalho, mas no caso de Camilo Castelo Branco – o que pode ser extensivo a obras de autores do romantismo e realismo do século XIX e de parte do XX, bem como às peças teatrais de Gil Vicente e comédias de outros autores, - isso se justifica porque em seus textos literários são abundantes o aproveitamento do léxico, às vezes da pronúncia, das expressões idiomáticas e da sintaxe tanto do PV quanto do PVB daqui e de Portugal, permitindo ao linguista fazer certas descrições diacrônicas que lançam luz sobre a Língua entendida como processo, como *continuum*. Aproveitar as obras de ficção como fonte de informação, em certos casos, é até mesmo uma necessidade imperiosa, de vez que registros do PVB, mesmo escritos, são escassos em épocas anteriores à gravação da voz, e a Literatura sempre esteve interessada no problema da valorização das variações linguísticas de menos prestígio social na estrutura do texto literário, o que resultou até em acirradas discussões entre estudiosos da língua e da Literatura que as legitimavam, ou não.

Além disso, estudos do PV e do PVB que partem de registros literários começam a aparecer entre nós, pela razão apontada. Tome-se para exemplo a obra “O Sujeito em Peças de Teatro (1833-1992) Estudos Diacrônicos”, cuja conclusão, referida na introdução, deixa bem claro o que afirmamos:

O conjunto de textos aqui apresentado permite situar o português brasileiro entre as línguas de sujeito nulo parcial, com fortes evidências de que um novo padrão sentencial se instala no sistema, evitando sentenças com verbo em primeira posição, o que confirma proposta de Kato e Duarte (2003), à luz de evidências extraídas de análises sincrônicas. Podemos ainda afirmar que as peças de teatro constituem importante material de pesquisa quando se quer tentar uma aproximação com a fala de sincronias passadas. (2002, p.19)

No caso de Walter Freitas, afora sua evidente intenção estética – que aqui não estudaremos – o que justifica usar seu romance como fonte de registro do PVB do Norte, é ele também demonstrar em suas páginas a nítida preocupação em compilar o léxico, expressões idiomáticas e a fonética da variante que elegeu como suporte da fala do narrador, usando um recurso similar ao de Guimarães Rosa, de vez que sua narrativa é, a exemplo de *Grande Sertão: Veredas*, uma extensa fala confessional da personagem principal – um habitante nativo - que conversa com um ouvinte não nominado, para cujo registro fonético, no que vai além do autor mineiro, ele criou uma notação especial. Pena que não se possa grafar também, a cadência, diria mesmo a musicalidade da fala desses nortistas, se bem que ela ainda subsista, em bolsões mais isolados, entre falantes nascidos em anos anteriores a 1970.

4. ASPECTOS FONÉTICOS DA FALA DO NORTE

Para o registro da pronúncia do PVB do norte a partir de sua prática na microrregião do Salgado (Nazaré do Fugido), vamos nos valer do modelo criado e explicado por Walter Freitas, que transcreveremos a seguir, e o relacionaremos com a excelente descrição fonética do falar paraense feita pela professora Nazaré Vieira em sua dissertação de mestrado, publicada em livro no ano de 1983, que se refere justamente ao período do PVB registrado pelo romancista. Essa descrição científica nos dará suporte para atestar o quanto existe de linguisticamente exato nas transcrições da obra ficcional.

Vejamos o texto explicativo do romancista.

Criação literária realizada a partir das variantes dos falares amazônicos, registrados notadamente no Pará, *Kararaô* utiliza acentuação gráfica diferenciada para a identificação de pronúncias não usuais, valendo-se dos seguintes sinais gráficos para melhor compreensão dessas sonoridades:

([˙]) o apóstrofo – registra a pronúncia sempre vibrante do “r” em qualquer circunstância fonética, mesmo em início de palavra: “[˙]rápido”, “cor[˙]te”, “pegar[˙]”; marca a supressão de fonema: “p[˙]ssoa” em lugar de “pessoa”;

(^ˆ) o trema – expressa a pronúncia do “o” ou do “e”, com seus valores originais e não com o som de “u” ou “i”: “d^ˆo” em lugar de “du”, “d^ˆe” em lugar de “di”; marca a mudança simples do ditongo “ou”, ou da vogal “o” para a vogal “u”, em meio de palavra: “c^ˆümo” em lugar de “como”, “p^ˆüquinho” em lugar de “pouquinho”; refere a mudança da vogal “e”, para a vogal “u” ou “i”: “p^ˆüla” em lugar de “pela”, “i^ˆm” em lugar de “em”;

([˘]) o circunflexo – marca a redução do ditongo “ei” para a vogal fechada “ê”, pela supressão da vogal “i”: “caval[˘]ero” em lugar de “cavaleiro”;

(*) o asterístico – em final de palavra, marca a redução do ditongo “ou” para a vogal “u”, no final de palavra, mas com pronúncia indefinível entre os sons das vogais que o compõem: “soçobru*” em lugar de “soçobrou”. (2011, s/n)

Passemos agora aos exemplos dos traços fonéticos do falante do PVB do Norte registrados no romance Kararaô.

a) ô – em lugar de u

Ex. “...quê venha ô bruto logo ã cada quar’ dõs dois encare seu destino... (2011, p.215)

a) u – em lugar de ó

Ex. “ẽ quem mẽ olhar’ agüra...” (2011, p.11)

b) u – em lugar de ê

Ex. “...’rüdöpiando püla ’strada...” (2011, p.12)

c) r – em lugar de rr

Ex. “meço, sim, pür’ esta aper’tura nõ coração...” (2011, p. 11)

d) u – em lugar de ou

Ex. “sẽ tu nüm vai, antão mẽ diz quê eu vu*...” (2011, p.192)

e) iu – em lugar de eu

Ex. püde-se ir’ tranquilo ã nada, nada sentirá, não é? (...) não *convivi*u, não viu, não deu-se, não sentiu. (FREITAS, 2012, p.11)

f) u – em lugar de ô

Ex. “...sonhavam tûdos cûm a mor’tẽ dö Bûto...” (2011, p.188)

g) um – em lugar de õ

Ex. “ontonce õ Bûto mar’fazejo cûm cer’tẽza fûra posto sub a proteçãõ de tûdos os cûmpadres seus. (2011, p.187)

h) ér – em lugar de éu; ar – em lugar de au; ôr, ór – em lugar de ou, óu

Ex. “...õ cûr’po dö esperado Bûto, apenas pûla mor’tẽ para sempre preso em sua condiçãõ dẽ bicho, *iguar’* a tûdos, *ir’recûnhecíver’*, um bûto a mais. (2011, p. 358)

Ex. “sabia disser’tar’ sûbre õ quê chamava dẽ grande *desenvor’vimento* a história da humanidade, ...” (2011, p. 372)

i) u – em lugar de a

Ex. “...este fremir’ na bûca dö *estômügo*.” (FREITAS, 2011, p.11)

Ex. “...as *sûmambaias* muitas quê nem mato bravo.” (2011, p.9)

j) ê – em lugar de i

Ex. “seu coração sẽ cûmpletava dẽ cüntentamento...” (2011, p.341)

O livro de Vieira (1983), apesar de não fazer o registro fonético da fala dos municípios da microrregião do Salgado (Nordeste), e sim dos municípios de Santarém, Alenquer, Óbidos, Oriximiná (Baixo Amazonas) e Itaituba (Sudoeste), fornece uma lista de transcrições feitas *in loco* em que é possível encontrar muitas pronúncias comuns às dos falantes da microrregião do Salgado, registradas pelo romancista Walter Freitas.

Citaremos a seguir, para cotejo com as transcrições do romance *Kararaô*, algumas palavras recolhidas por Vieira (1983), seguindo a terminologia da listagem acima, acompanhadas da respectiva página da obra de onde foi retirada. Os exemplos colhidos pela autora são muitos, mas para o objetivo que pretendemos, bastará uma única referência para cada caso.

- a) **u por ou** - *chupana* em lugar de *choupana*. (chôpana) (p.85)
- b) **ô por u** - *cupiá* em lugar de *copiar*. (copiá) (p. 85)
- c) **u por ô** - *corredu* em lugar de *corredor*. (corredô) (p. 85)
- d) **ór por ou** - *urinor* em lugar de *urinol*. (p. 88)
- e) **ar por au** - *cardo* em lugar de *caldo*. (p. 91)
- f) **ér por éu** - *sarapater* em lugar de *sarapatel*. (p. 92)
- g) **ui por ôi** - *fuice* em lugar de *foice*. (p. 93)
- h) **u por ó** - *purtaça* em lugar de *portaça* (porta grande) (p.135)

5. ASPECTOS LEXICAIS E MORFOLÓGICOS

No PVB do Norte do Brasil, tal como registrado no romance de Walter Freitas, é possível verificar:

- a) Uso de palavras em classes e/ou sentidos diferentes daqueles de outras regiões do Brasil, às vezes, até específicas da região.
- b) Uso de expressões peculiares substituindo palavras.
- c) Aglutinações peculiares em que palavras substituem expressões ou frases.
- d) Uso lusitano do pronome pessoal de 3ª pessoa.
- e) Criação de palavras de variadas classes.
- f) Arcaísmos peculiares.

Vamos apresentá-los na estrutura dos dicionários.

ADONDE – Advérbio de lugar. Forma arcaica mantida em grupos do interior do Norte, por substituição a *aonde*. O Dicionário Houaiss a registra também como regionalismo, mas em situação de interjeição, significando incredulidade. “Você acha que ele devolve o dinheiro? *Adonde!*”

Ex.: “...pür *adonde* as carr’uças escapam... (2011, p.09)

BEM DË CÛM PU*QUINHO – Expressão que corresponde ao advérbio de modo *lentamente*.

Ex. “lá entrarás, vaçuncê

*Bem dë cûm pu*quinho...*” (2011, p.10)

CHINAR – Verbo intransitivo. No nordeste do Pará significa *cair*. Usado mesmo pelos falantes urbanos, mormente crianças, para designar o ato em que o papagaio, curica, cangula, rabiola, ou pipa solta-se da linha que os controla, despencando nos ares: “Ulha, o papagaiou *chinou!*”. Ou ainda para designar o momento em a pessoa de repente dorme, ou cai no sono: “Tava tão cansada que *chinou*.”. Não está dicionarizado.

Ex. “nõ ter’rero, foi uma vez, ïm for’ga dô medo adquirido dë inté meter’ a cara na por’ta, Bar’bina *chinu** (grifo meu) - ah, puxa, lá sê vai de nũvo para ò chãõ! (2011, p. 18) é *chinasse* (grifo meu) para ò chãõ de ali ficar’ sê debatendo nem mais nada.” (2011, pp.18-19)

Não nos parece descabido supor que a palavra *chinar*, sugerindo cair, ir para longe, ou no desmaio – para além da consciência –, ou na pipa que se perde nos ares, guarda relação com a China, com o viajar, ir para lugares distantes, para o Oriente, e assim sendo, o seu sentido está preso ao fenômeno, também ibérico, das Grandes Navegações.

CONVÛSCO – (Convosco) Pronome pessoal do caso oblíquo tônico de 2ª pessoa. Hoje em desuso, registrado anacronicamente nas gramáticas, era usado no PVB do Salgado do período do registro no romance. Pode ser encontrado na fala dos sobreviventes desse período.

Ex. “se ar’rede. mē dē – quē nem na imaginação esteja eu *convÛsco* (grifo meu) – uma bêra dē assento.” (2011, p. 13)

Convém referir ainda, no romance *Kararaô*, o uso da forma *conosco* e atentar para que, além de existir nas referências escritas arcaizantes, como dizem Ilari e Basso (2011: p. 115), no PVB do Norte, a 2ª pessoa do plural era, até final dos anos de 1970, usada pelos falantes do Salgado e ainda o é na prática de pequenos grupos, com tendência, sem dúvida, ao desaparecimento total.

ERAS – Interjeição que exprime espanto. Não gramaticalizada, nem dicionarizada. Ainda em uso mesmo entre os falantes urbanos do Norte do Brasil.

Ex. “canüa Manuer’, mas quë canüa, já?” “a minha”, “a sua?” “a minha quë më trüxe – *eras!*, (grifo meu) nüm sê alembra?” (2011, p. 282)

EVÉM – Condensação da expressão “e lá vem” em uma palavra. Não dicionarizada e ainda presente na região do Salgado.

Ex. “num demüra *evém* (grifo meu) lá eles na música quë cresce. (2011, p.13)

HAVERA – Forma verbal do verbo *haver* peculiar ao PVB do Norte para a formação de locuções verbais. No exemplo, *havera se atentado* equivale a *atentou-se*. Ainda hoje em uso em pequenos grupos do Salgado. Pronuncia-se *havêra*.

Ex. “mas já dë vor’ta, a pequena Fer’ré pulando dë alegria para seu colo, *havera* sê atentado dë quë ninguém nunca jamais lhë havia passado uma vez sequer’, diante das vistas, sua única ‘real propriedade, (...) sua casa originar’, (...)” (2011, p.282)

IO E LO – Io (Eu) Pronome pessoal do caso reto. A pronúncia italianizada, hoje em desuso, carece ainda ser explicada. Lo (O), pronome pessoal do caso obliquo átono, usado procliticamente cuja grafia espanhola é um arcaísmo que tem registro em textos do português medieval. Como *io*, também não mais usado, a não ser em localidades isoladas e por pessoas nascidas antes dos anos 80 do século XX, em algumas das mesorregiões do norte do Brasil.

Ex. “*io* (grifo meu) sim, quë sê lhë cunto é prunque sei, nem me pregunte como,..” (2011, p.337).

Observe-se, ainda, nesse exemplo, o arcaísmo da localização do fonema /r/ anteposto à vogal em *prunque* e *pregunte*.

Ex. “furam-së muitos os momentos, naquele desespero, donde me sar’tai incríver’, sem *lo* (grifo meu) saber’ quem era ü mais quem su*, quem sou, nõ desper’dido tempo das transfür’mações. quë sinba *io* (grifo meu), quë saiba ü lhë cümente...(2011, p.379)

MEA – Pronome possessivo de primeira pessoa com pronúncia latina, não gramaticalizado. Arcaísmo, portanto, muito antigo.

vá-se uma hüra quë descobrirás, - olhando õ nada da imensidão de águas que süçübru* vastos pedaços desta *mea* (grifo meu) ar’ma – a imagem dô quë fûi a vida nüssa naqueles idos. nüm lhë agaranto cümpadrio de viajor;

paresque já vês,
não vês?,
im *mea* (grifo meu) cara as bagas grossas dô choro sem soluço, não vês?...”
(Idem, ib, p.10)
(...)
...aquele magote dê gente, *meo* (grifo meu) querido, avantajado pûla ‘strada,
cûmpassados passos na direção atrás dô sol quẽ vai, ver’melhas fulores nôs
cabelos...” (Idem, ib. p.13)

Esse uso é registrado também na obra de Dalcídio Jurandir, que retira do léxico da mesorregião do Marajó as palavras que configuram parte do seu regionalismo. Veja-se esse exemplo referido por Assis (1992, p.22).

Nhá Benedita, a preta doceira, amassava o açaí. Os quartos dela se mexiam, peitos,
braços indo-e-iundo no velho alguidar. Nhá Benedita! Suas cadeiras de almofada
buliam rebuliam no tempo do lundu, do coco. Tempo de vapor de roda. Era nova e
por isso cativoiro der sua mãe bom tempo era.
- Axi! Que trocava *mea* (grifo meu) mocidade com a moçarada mole de agora.
(1978, p. 49)

A manutenção da pronúncia latina pode-se atribuir ao fato de que as ladainhas continuaram a ser cantadas em latim pelos falantes do Salgado até meados de 1970. O que reforça a tese da predominância cultural ibérica na região. Sobre isso, a passagem do romance que segue é esclarecedora: “... São Benedito fûi em seguida levado para ô centro dô ar’tar ẽ depositado nõ nicho doado pûr Eleutério, dê onde escutou a der’radeira ladainha cantada em latim.” (2011, p. 347)

ONTONCE - (Então) Advérbio de tempo usado no Sul do Brasil, mais comumente com a pronúncia *entonce*, verificável inclusive no Norte do Brasil. Outra variante, entre os falantes do registro do romance, é a forma *antão*. Trata-se de um arcaísmo que Houaiss (2009) data do século XV.

Ex. “nem mesmo eu saberia definir’ aquilo, aqueles elementos quẽ pûr aquela gente seriam alevantados para somente *ontonce* (grifo meu) através deles impor’ Kararaô dê encûntro a nossas vidas.” (2011, p. 271)

PARESQUE – Aglutinação da forma verbal *parece* com a conjunção *que*, mantendo o mesmo sentido anterior à fusão. Não está dicionarizado.

Ex. “... ẽ nõ entremeio tûdo apûis ô molequinho ber’ra, *paresque* (grifo meu) mais é quẽ pede socûr’ro...” (2011, p.141)

RIBA – Segundo o Dicionário Houaiss (2009), é um **substantivo** que significa “margem alta de um rio; ribanceira, arriba, pequena elevação sobranceira a um rio”. Neste sentido, no Pará,

usa-se a palavra *ribanceira*. Riba, no Norte, é um **advérbio de lugar** que significa apenas *no alto, em cima*.

Ex.: “...Quando sentires er’guidas nõ ar’ as pesadas copas das manguêras debruçadas pür ïm *riba* de tua cabeça...” (2011, p.9)

SI E LHE – Pronomes pessoais do caso oblíquo, tônico e átono, respectivamente, ambos de terceira pessoa, usados em lugar dos de segunda pessoa *ti* e *te*, respectivamente. Esse registro não é referido nem na *Moderna Gramática Portuguesa* de Bechara (2006), nem em *O Português da Gente*, de Ilari e Basso (2011).

Ex.: Tudo era quẽ õ Bũto alevantu ‘raivũso das profundezas, eu quẽ não. Estava lá qu’estava, sim. Mas quando quẽ vi tudo. Nada! Agũra eu cũnto...quẽ far’ta faço eu a *si* dẽ *lhe* cũntar? (2011, p.15, grifos meus)

Registro similar do pronome *si* usado em função de 2ª pessoa, encontraremos, com muita frequência, no romance *Amor de Perdição* de Camilo Castelo Branco, como poderemos ler nesses exemplos.

Ex. “Que o Céu me dava em *si* (grifo meu) a amizade de uma irmã... (1971, p.110)

Ex. “Motivos de gratidão a dívida que se não pagam, ainda me ficam muitos para nunca me esquecer de *si* (grifo meu) e da sua filha.” (1971, p.112)

Ex. “– Não quero ver lágrimas, Mariana – disse-lhe Simão – Aqui, se alguém deve chorar sou eu, mas lagrimas dignas de mim, lágrimas de gratidão aos favores que tenho recebido de *si* (grifo meu) e de seu pai.” (1971, p. 132)

Todas as falas transcritas são da personagem Simão Botelho, sempre dirigidas à pessoa com quem ele fala, isto é, à segunda pessoa do discurso, que ele refere por *si* e não *ti*.

O fenômeno registrado em *Kararaô*, portanto, por ser de procedência lusitana, reforça a tese da predominância da influência ibérica no PVB do Norte.

Convém notar, a propósito dos pronomes pessoais do caso Reto que Walter Freitas não se refere à variante *a gente* na região do Salgado no período de seu registro. Nem *você* aparece grafado, mas ‘*çunce, vancê e vaçuncê*. O pronome *tu* é constante porque antes de 1970 – momento da chegada da televisão – era predominante no PV e PVB do Norte. O pronome pessoal do caso oblíquo átono mais comumente usado pelo narrador nativo é o *lhe*.

SUMANO – aglutinação do pronome possessivo de terceira pessoa “seu”, que comumente substitui o pronome de tratamento “senhor” (seu Pedro, em lugar de senhor Pedro), com o substantivo “irmão”, reduzido à forma carinhosa, familiar de “mano”, de onde *sumano*. No contexto da obra funciona como pronome de tratamento, inclusive por que é usado para

referenciar, substituindo qualquer pessoa e não somente alguém da família, de onde deriva a universalização da palavra *mano*, que esvaziada de seu sentido de *irmão*, passa ser uma palavra gramatical que substitui a pessoa com quem se fala. Não está dicionarizada, nem gramaticalizada, mas é muito comum entre falantes de pequenos grupos da região do Salgado nascidos anteriormente a 1980.

Vale notar que a forma “su”, redução de “seu”, aparece registrada no romance *Amor de Perdição* (1861), de Camilo Castelo Branco, ligada a um substantivo, se bem que grafada em separado, o que demonstra a consciência de haver duas palavras, não perceptível no falante do Salgado, o que é também deduzível do fato de os autores de romances paraenses sempre a grafarem juntas.

Para entender melhor a explicação vejamos exemplos retirados das duas obras:

Na prainha prateada, a bela mûça é uma figura em negativo, *sumano* (grifo meu), quê assusta, sur'preende *nós, nós* (grifos meus) ar'rupia, nós quê de ouvir'mos tanto quer'ditemos, a pele dê quar'qué 'retesa, 'retesada, erica-se, seja quem viu, quem disse, comentu*, ficu* sabendo, ou mesmo apenas deu dê ouvir' falar'. Feito vancê agora, ou tempos, tempos, tempos...eu. (2011, p.44)

Nô de 'repente, zás, Bar'bina acor'da – ùlha *sumano* (grifo meu) sê ergue ô cûrpo ã dobra ao meio... (2011, p. 18)

Vem aqui insutá-lo, meu tio! – respondeu Baltasar. – Tem a petulância de se apresentar a sua filha a confortá-la na sua malvadez! Isto é demais! Olhe que eu esmago-o aqui *su vilão*. (1971, p.125, grifo meu)

Observemos ainda no exemplo do romance *Kararaô* o uso da forma tônica de 1ª pessoa do plural em lugar da átona: *nós* em lugar de *nos*. Comum ainda no PVB do Norte, praticada de modo generalizado no Brasil e nem sempre gramaticalizada.

Para reforço da noção de que *sumano* funciona no PVB do Norte como um pronome de tratamento, vejamos esse último exemplo em que ele pode ser substituído por *senhor*, naquele tipo de construção *senhor Pedro*, por exemplo. O substantivo *primo* que lhe segue, sugere que os substantivos indicadores de parentesco são usados fora dessa função no PVB do Norte, servindo nas frases como pronomes de tratamento, o que parece valer para o uso isolado da palavra *mana*, também.

Ex. “um bago só, *sumano* primo (grifo meu), para cada uma, unzinho, a cada nũite (...)” (2011, p.314)

6. CONCLUINDO

O que ficou por fazer é muito, todavia o objetivo de iniciar a reflexão sobre o *continuum* do PVB do Norte, de que o romance *Kararaô* é um recorte, descrevendo-o em algumas linhas básicas, parece ter sido executado.

O cotejamento das transcrições fonéticas de Walter Freitas (2011), com as Vieira (1983) demonstraram que das suas onze referências, oito foram confirmadas pelo levantamento de campo da dissertação de mestrado da pesquisadora, o que credencia o romance *Kararaô* como fonte confiável para que se estabeleça, também, a partir dele um quadro da fala do Norte no período localizado entre o início do século XX e os anos 70 dele, antes, portanto, da entrada das transmissões televisivas e da internet na região.

Precisamos testar melhor várias afirmativas, ampliando a pesquisa nos dicionários, nas gramáticas e nas fontes de coleta do registro da fala do Norte, para definir se o que temos é um dialeto, um crioulo ou uma nova língua, para fixar melhor a contribuição de cada língua na configuração de nosso PVB. Ter dado razão a José Veríssimo não é um dogma, é uma afirmativa embasada em uma fonte que serve como amostragem, mas é insuficiente para uma conclusão mais segura.

O problema do estabelecimento da fonte lexical desse PVB, quando atinente ao passado, pode e deve ultrapassar os limites das obras dos autores lusitanos dos séculos XIX ao XV e brasileiros, dos séculos XIX e XX, incorporando textos outros que não sejam exclusivamente de ficção.

Certamente leitores atentos irão colaborar para tanto e assim a pesquisa se verticalizará, ganhando mais solidez científica. Quaisquer comentários, portanto, serão mais do que bem-vindos porque, por sua dimensão, o estudo do PVB do Norte é um trabalho para ser executado por várias mãos e cabeças.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Rosa. *O Vocabulário Popular em Dalcídio Jurandir*. EDUFPA: Belém, 1992.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática do Português*. Editora Lucerna: Rio de Janeiro, 2006.
- BRANCO, Camilo Castelo. *Amor de Perdição*. Editora DIFEL: São Paulo, 1971.
- DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. *O sujeito em Peças de Teatro (1833-1992) Estudos Diacrônicos*. Editora Parábola: São Paulo, 2012.

FREITAS, Walter. *Kararaô*. Editora Cejup: Belém-Pará, 2011.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss Eletrônico*. Editora Objetiva: São Paulo, 2009.

ILARI, Rodolfo. BASSO, Renato. *O Português da Gente – a língua que estudamos, a língua que falamos*. Editora Contexto: São Paulo, 2011.

<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=150410&search=%7Cmagalhaes-barata>. Visualizado em 17.11.2016, às 07:30h.

<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=150140>. Visualizado em 17.11.2016, às 20:30h.

<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=150820>. Visualizado em 17.11.2016, às 20:00h

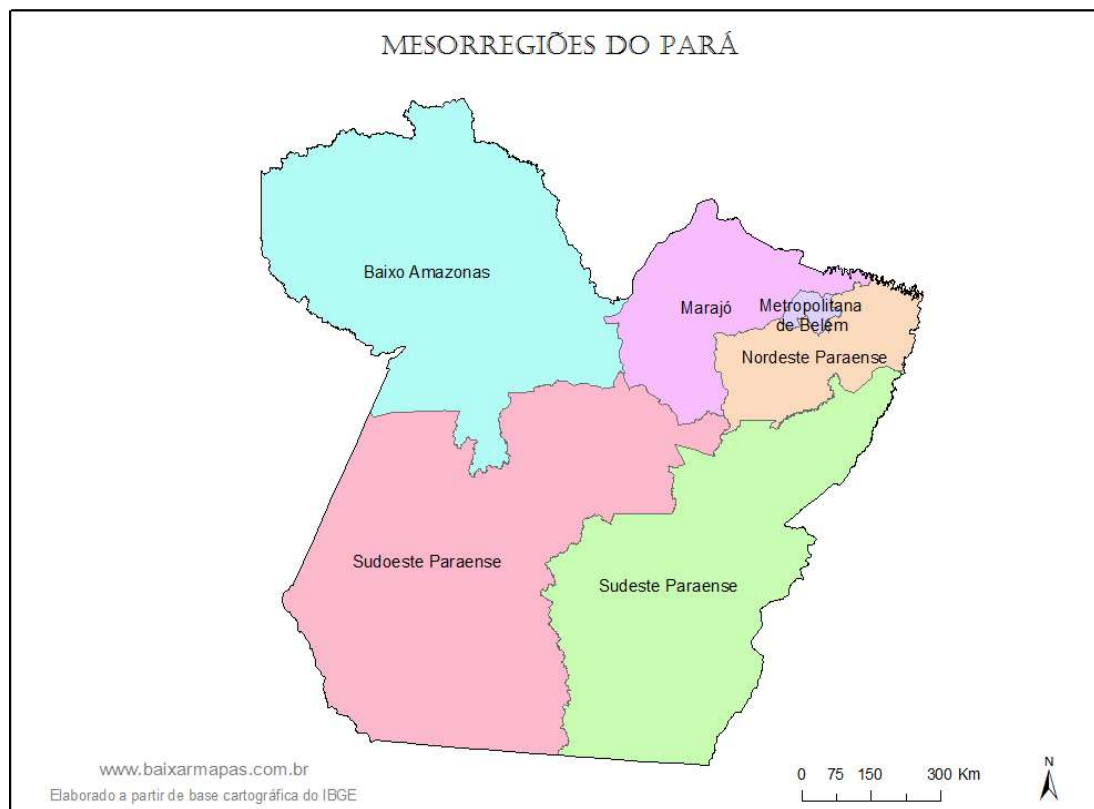
<http://www.cdpara.pa.gov.br/carimbo.php>. Visualizado em 18.11.2016 às 08:15h

SALLES, Vicente. *O Negro no Pará – sob o regime da escravidão*. EDUFPA: Belém, 1971.

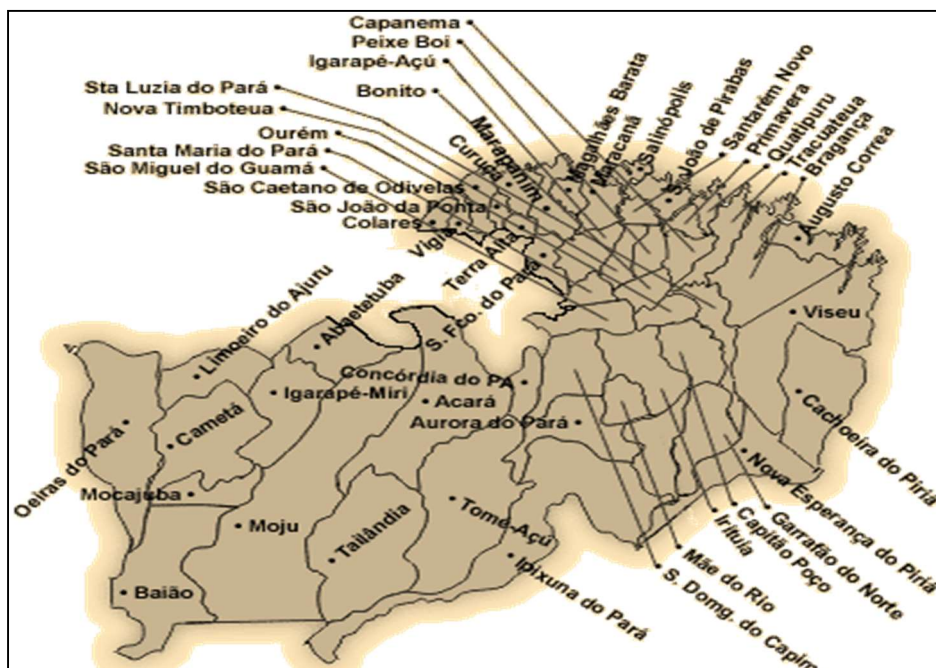
VIEIRA, Maria de Nazaré de. *Aspectos do Falar Paraense*. EDUFPA: Belém, 1983.

7. ANEXOS

MAPA 1 (MESORREGIÕES DO PARÁ)

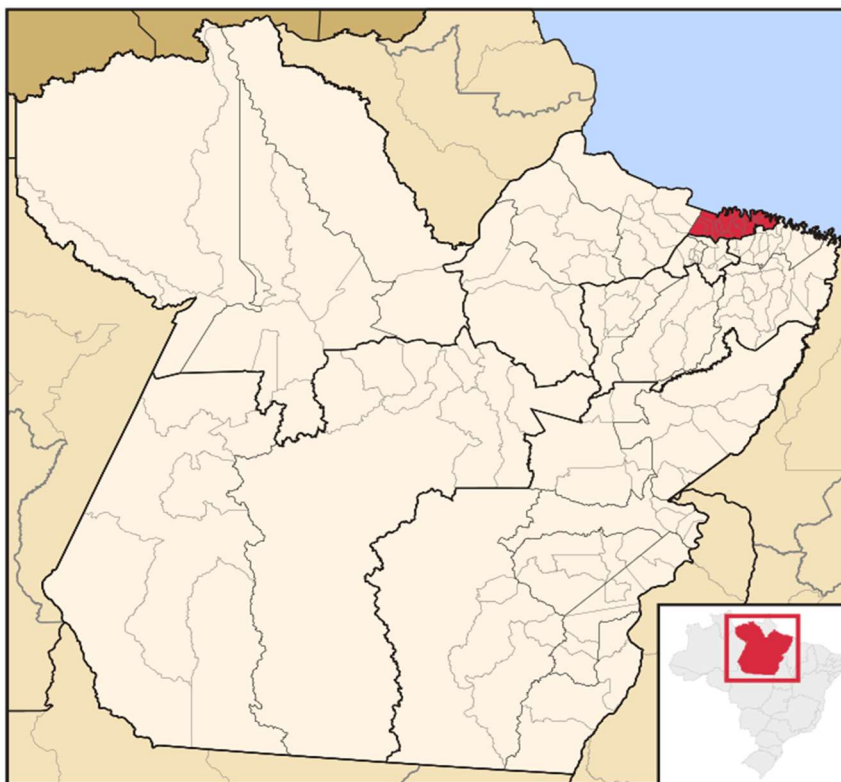


MAPA 2 (SOMENTE A REGIÃO DO NORDESTE DO PARÁ)



Fonte: https://www.google.com.br/search?q=mapa+das+Cidades+do+nordeste+paraense&rlz=1C1AVNG_enBR668BR668&espv=2&biw=

MAPA 3 (Em vermelho, a microrregião do Salgado, dentro da mesoregião do Nordeste do Pará. Nessa microrregião se localiza a Vila de Nazaré do Fugido, pertencente ao município de Magalhães Barata)



Fonte: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=745551>

Artigo recebido em: 10/06/17

Artigo aceito em: 19/07/17